

RUPTURA DOS PADRÕES TRADICIONAIS DA REALEZA E ORGANIZAÇÃO DA VIDA DOS TRABALHADORES EM *HISTÓRIA MEIO AO CONTRÁRIO*.

Maria José Cavalcanti de Andrade

Secretaria de Educação de Pernambuco/ Faculdade Luso-Brasileira – profzeze@hotmail.com

Resumo: Este artigo tem por objetivo tecer algumas reflexões sobre *História meio ao contrário*, de Ana Maria Machado, considerando que a estrutura da narrativa não é simples inversão, mas uma possibilidade de construir algo novo, transformando conceitos comuns através da negação do modelo tradicional. Evidencia-se, portanto, determinados aspectos da vida dos reis e rainhas, a mudança dos papéis de algumas personagens, a ruptura com padrões estabelecidos na sociedade da época, a saber: os casamentos das princesas arranjados pelos pais e, finalmente, o papel dos trabalhadores que, por sua vez, contribuem para a vida organizada em sociedade no atendimento às necessidades básicas do povo como faziam a Pastora, a Tecelã, o Ferreiro e o Camponês. Firma-se, então, um diálogo entre a tradição medieval e os aspectos da vida em sociedade na contemporaneidade, haja vista que as concepções das pessoas passaram por transformações no decorrer dos tempos. A Literatura Infantojuvenil promove um olhar instigante sobre a compreensão das realidades e a referida obra destaca-se por ser inovadora da Literatura destinada aos novos, apresentando uma nova atitude narrativa. Finalmente, *História meio ao contrário* é uma obra que instiga o leitor a abrir-se ao novo, a refletir sobre a cultura, o tempo histórico e as transformações pelas quais passou o homem no decorrer dos tempos. Questionamentos acerca dos valores e costumes que eram concebidos como verdades a serem seguidas são realizados e obtém-se em resposta a força do indivíduo como sujeito de sua história. Palavras-chave: realeza, ruptura, sociedade, transformações.

1.Introdução

Neste artigo focaremos o estudo de determinados aspectos da vida dos reis rainhas, princesas e príncipes que constituem a realeza e dos trabalhadores que representam o povo no período medieval, associando-os à realidade contemporânea em *História meio ao contrário*, de Ana Maria Machado. Algumas considerações são pertinentes nesse estudo, tais como: a história se passa do fim ao início, consolidando, dessa forma que é no intervalo da inversão cronológica que várias outras inversões se apoiam.

A referida obra, lançada na década de 70 foi ganhadora do prêmio Jabuti em 1978. Interessante é que a autora vai contra o estabelecido, recusando o que é imposto pela própria sociedade da época.

A exemplo disso, veremos que o príncipe se apaixona pela pastora e não pela princesa. No entanto, a princesa prefere conhecer outros lugares, outros reinos, ter liberdade, estudar, fazer novos amigos, vindo apenas ao real castelo para passar as férias e contar muitas novidades. Percebemos que essa ruptura com a tradição promove questionamentos e reflexões ao leitor acerca dos valores, costumes e práticas que se consolidam como verdades e que passaram por transformações no decorrer dos tempos.

Conforme Coelho (2010, p. 283), uma literatura inquieta/questionadora põe em causa as relações convencionais existentes entre a criança e o mundo em que ela vive, questionando também os valores sobre os quais nossa sociedade está assentada. Percebemos que a obra selecionada para essa investigação foi pertinente, pois, objetivamos mostrar que o texto possibilita várias interpretações e potencializa o diálogo entre ficção e realidade. A Literatura infantojuvenil promove um olhar instigante sobre a compreensão das realidades. Particularmente, no conto em apreço, o enfoque na mudança de determinadas atitudes e comportamentos dos reis e rainhas remete a reflexões e associações com a história do próprio homem através dos tempos. No que tange aos jovens da história representados pela Princesa, pelo Príncipe e pela Pastora uma nova postura é observada com vistas à concepção de que é o próprio ser humano que deve construir sua história e não permitir que os outros façam escolhas por ele.

Através da leitura de *História meio ao contrário* notamos que os elementos mágicos constituem-se em elementos de interpretação do real. Situemos, pois, a obra como inovadora da Literatura destinada aos novos, apresentando uma nova atitude narrativa. Ressaltando as possibilidades de reflexões que apenas a consciência da criatividade da palavra literária pode proporcionar, é importante destacar

É com certeza essa confiança no poder inaugural ou criativo de sua palavra literária que permite, ao novo narrador, o tom bem humorado, a agilidade no falar e um certo espírito lúdico, de aparente irreflexão, que o aproxima do comportamento livre dos jovens ou das crianças – exatamente os seres ainda descomprometidos com o preestabelecido pelo Sistema vigente e que marca limites ao espírito criador livre. (COELHO, 2010, p. 286).

A seguir, elencaremos alguns pontos que serão discutidos na história que dialoga com a tradição e que apresenta um novo formato para os contos infantis.

2. Características da realeza em *História meio ao contrário* – Alguns apontamentos.

Percebemos em *História meio ao contrário* como a vida dos reis e rainhas era organizada. Primeiramente, observamos que o rei desconhece a dimensão do seu próprio poder, o que se traduz simbolicamente através de não saber que o sol desaparece à noite. Vemos na referida história que o Primeiro-Ministro presta alguns esclarecimentos à majestade:

- Majestade, permita-me observar que o problema não é novo. Esse mistério se repete com desagradável insistência. Para falar a verdade, acontece todos os dias...

- Todos os dias como? – berrou o Rei. – Foi hoje, agora, eu acabo de ver.

- Sim – concordou o Primeiro-Ministro. – Mas já há algum tempo que esse desaparecimento do sol vem acontecendo todos os dias. E Vossa Majestade tem razão: o ladrão parece ter uma estranha predileção pelo momento mais bonito para agir. Mas, verdade seja dita, também há dias em que, mesmo sem sol, no meio de toda a chuva, desaparece a luz.

O Rei não se conformava:

- Como é que uma coisa dessas acontece no meu reino e eu não sabia?

-É que Vossa Majestade é um homem feliz para sempre e ninguém quis incomodá-lo com essas coisas. A final de contas, para que aborrecer Vossa Majestade? Devido à hora do real banho e do real jantar, Vossa Majestade e a real família sempre estavam dentro do castelo quando isso acontecia. Com todas as luzes acesas, nunca repararam que estava escuro lá fora. Com todos os reais músicos tocando, nunca sentiram a mudança do canto dos pássaros pelo dos grilos. (MACHADO, 2010, p. 17).

Vimos que essa citação aborda que o rei de *História meio ao contrário* caracteriza-se pela imaturidade, haja vista que como pode um homem na sua condição de superioridade desconhecer que o sol desaparece todos os dias? Considerando que o rei deve ter qualidades que pertinentemente lhe fazem jus, lembramos que Trevisan (2012) postula que “para bem reger o reino, o rei deveria também ser sábio e letrado”. Esse viés evidencia a inversão de modo que as coisas ocorrem ao contrário, como a autora muito bem expressa.

Referindo-nos ainda ao rei da história, é válido mencionar o seguinte comentário de Ramos (2013), “Observem que o rei, símbolo do patriarcalismo, tradicionalismo, é infantilizado, ingênuo, encaixando-se no contexto dos contrários”. A reinvenção do conto de fadas conduz o leitor ao imaginário que reflete o real.

Convém lembrar que em *História meio ao contrário* há realmente essa inversão com relação à figura do Rei. Podemos ver em

-Não sei, minha filha, nunca pensei que uma coisa dessas pudesse acontecer. Mas não tenha medo, filhinha. Seu pai vai dar um jeito. Vamos lá para junto dele.

E voltaram as duas, lentamente, pelos reais corredores iluminados. (MACHADO, 2010, p. 14). (Grifos nossos).

Notamos que a Rainha respeita, tem credibilidade em seu esposo, mesmo sabendo que o comportamento do Rei é ingênuo, infantil e totalmente o oposto do que deveria ser: sábio e letrado. Quando ela menciona para a princesa que o Rei vai dar um jeito, observamos a força ilocutória de suas palavras. Ela se pronuncia com tamanha força que passa “credibilidade” nessa atitude para a Princesa.

A Rainha apresenta um padrão comportamental materno com o Rei e também com a filha, a Princesa. Sua voz consola, oferece o colo protetor e tranquilizante nos momentos em que assim deve proceder com esposo e filha. Convém lembrar que as rainhas devem manter moderação não apenas no agir, mas no falar. É o que vemos em

Um tema de essencial interesse para o comportamento das mulheres, e principalmente das rainhas, enquanto modelos em seu reino, é a moderação no uso da palavra. Segundo os pregadores e moralistas, as mulheres falam demais e mal, mentem com habilidade, trocam maledicências, discutem continuamente, são insistentes e lamuriosas. Esta imoderada tagarelice feminina é também um sério risco para sua castidade. Uma mulher muito loquaz é uma mulher muito voltada para o exterior, desejosa de tecer com suas palavras relações sociais de vários tipos. (TREVISAN, 2012, p. 50).

Cabe ressaltar que a Rainha da história possui moderação no uso da palavra, haja vista que sua condição impõe isso. Machado (2010, p. 129-130) alude que a voz da Rainha soa calma, em meio a muito barulho como toques de clarim, convocando soldados, passos de gente correndo, relinchos de cavalos no pátio. Evidencia-se, pois, que em meio a tamanha agitação, ela mantém-se em estado de serenidade e moderação de atitudes e gestos. A Rainha exerce seu papel nos convívios sociais de modo a deixar explícita a sua posição de soberania.

Ainda de acordo com Trevisan (2012, p.51), “Quanto mais elevada for a condição da dama, mas ela deve cingir-se às normas morais. Neste sentido, a rainha deve ser um exemplo de perfeição que todas as mulheres da escala social devem imitar”. A Rainha é modelo de perfeição, pois, preserva muitas características associadas às mulheres, tais como: compreensão, cuidado, ponderação.

Nessa perspectiva, a Rainha da história demonstra esperteza, sabedoria e cumpre seu papel nos trechos em que se apresenta como personagem. A propósito, quando a Princesa decide que não queria casar com o Príncipe, preferindo conhecer o mundo, rompendo com os costumes da sociedade da época, reportamo-nos a Machado (2010, p. 44), quando narra “A Rainha explicou que todas as princesas das histórias casam com os príncipes que vencemos dragões e os gigantes. E que os dois vivem felizes para sempre.” Na verdade, a Rainha segue os princípios dos contos de fadas tradicionais que têm sempre um final feliz.

Traça (1998, p. 280) postula que “O ouvinte ou o leitor encontram, nas personagens imaginárias que povoam a narrativa, personagens e situações bem reais com que se defrontam no seu dia-a-dia.” A decisão da Princesa de não casar com o Príncipe consolida novos olhares, novas formas de escrita literária infantojuvenil para que as crianças reflitam sobre o papel das escolhas que os seres humanos precisam fazer no decorrer de suas vidas. As situações com que se defrontam no dia-a-dia são reais: A princesa quer conhecer outros lugares, estudar, não quer casar com o Príncipe, deseja conhecer novos amigos e vir passar as férias no castelo real. Como postula Traça (op. cit.), há uma relação identitária entre o ouvinte/leitor e as personagens imaginárias que povoam o conto em apreço. *História meio ao contrário* constitui-se num relevante objeto de estudo para investigação de ordem antropológica, literária e sociológica.

3. Princesa, Príncipe e Pastora : A juventude e seu poder de escolha.

Conforme já mencionamos, a Princesa demonstra interesse por conhecer o novo, por procurar o verdadeiro sentido da vida que só através de viagens, de estudos e da aquisição de novos conhecimentos poderia encontrar. E é de sorte que ela queria mudar sua história, não se tornando igual às princesas das outras histórias. De acordo com Machado (2010, p. 44), a jovem, ao se pronunciar “Tem muita coisa mais que eu quero saber”, explicita que o desejo de conhecer lugares é perceptível em seu comportamento e em suas atitudes. Ela representa, enfim, uma mulher que rompe com os paradigmas impostos pela tradição da realeza e busca redefinir seu papel social.

A escritora rompe com as narrativas tradicionais em que o final feliz da Princesa e do Príncipe “E viveram felizes para sempre” reconfigura-se, de modo a expressar que viverão felizes para sempre, porém, de acordo com as escolhas que cada um fez em sua vida. Convém lembrar que a inversão não é aleatória, mas, tem um propósito definido: o de propiciar a reflexão acerca das escolhas de cada ser humano diante das possibilidades que se lhe apresentam. Pertinentemente postula Traça (2010, p. 33) a esse respeito: “Tanto o herói como a heroína têm que fugir da segurança da família,

têm que testar-se em circunstâncias adversas, para poderem encontrar-se a si próprios”. Foi realmente o que fez a Princesa da história: lançou-se ao mundo, conhecendo outras terras, morando numa república e testando-se em circunstâncias adversas. O leitor é conduzido a compreender o real que se consolida na escolha da personagem em pauta.

E o Príncipe? Nada tem de encantado, mas de “Encantador”, é corajoso, valente, aventureiro e possui espírito invencível. Retrata a classe dominante, pois, nada tem a fazer, viaja pelo mundo apenas buscando aventuras. Observamos em Machado (2010, p. 39) que O Príncipe não parava diante de nenhum obstáculo. É válido citar o diálogo entre ele e a Pastora:

Ficou parado olhando a Pastora. Ela olhou firme para ele e perguntou:

- Vossa Alteza não está se sentindo bem?

- Nunca me senti melhor em minha vida. A não ser por esta droga de armadura toda molhada.

- Então tira a armadura – sugeriu ela.

- Mas eu preciso dela para lutar com o Dragão.

- Para quê? Para casar com a Princesa e viver feliz para sempre ? Para ter sempre um sol eterno?

- Para cumprir minha missão e terminar minha missão – respondeu o Príncipe, enquanto pensava que, na verdade, não queria saber de coisas eternas nem iguais para sempre.

E ficaram se olhando. (MACHADO, 2010, p. 40).

O Príncipe demonstra interesse por coisas novas, não se limitando a coisas “iguais para sempre”. O desejo de inovar é uma de suas particularidades e ele foge à regra dos jovens príncipes dos contos de fadas que procuram as jovens princesas para desposá-las e com elas constituírem uma família para viverem felizes para sempre. No fragmento acima, a perspectiva do sentimento, do espírito de guerreiro e inovador retratam bem o “Príncipe Encantador”.

“Aversa” às outras histórias de amor entre princesas e príncipes, *História meio ao contrário* possibilita que uma nova personagem, a Pastora, ganhe espaço, assumindo um relevante papel na narrativa . Com desejo de viver novas experiências, a inteligente moça faz com que o leitor reflita acerca da escolha do cônjuge. É o que vemos em

- Avise a todos que quem conseguir liquidar o monstro terá a mão de minha filha em casamento.

No dia seguinte, bem cedo, os reais arautos foram tocar suas reais trombetas pelas praças. Os reais mensageiros, galopando corcéis das reais cavalaria, percorreram as estradas do reino levando avisos aos pontos mais distantes. E toda a população foi se reunindo para ver ou ouvir os reais comunicados.

Aquilo foi o assunto de todas as conversas. E quando acabou o trabalho do dia, no centro da aldeia, seus habitantes trataram de trocar ideias.

- Eu é que não queria ter que casar com um desconhecido só porque ele é bom de briga...
- disse a Pastora. (MACHADO, 2010, p. 25-26).

Como se vê, nesse fragmento, a Pastora propõe uma reflexão acerca da escolha do cônjuge, como dissemos anteriormente. O implícito no texto evidencia o desejo maior para que se realize o casamento. Com certeza o fato de o homem ser bom de briga não lhe oferece a qualidade de “pretendido” para ser o seu par por toda sua vida. São outros atributos que estabelecem o desejo do casamento. O amor é o principal deles, seguido de admiração e desejo.

A Pastora era dotada de atributos da beleza física como vemos em Machado (2010, p. 40), “O Príncipe viu a Pastora por entre as árvores, na luz do olhar do Dragão, e pensou que de manhã, quando tinha falado com ela na aldeia, nem tinha reparado como ela era tão bonita”. Para além da beleza física da Pastora, destaca-se a beleza que decorre de seu interior, do “ser político” que se preocupa com os problemas do povo, que se posiciona, que participa das discussões de interesse coletivo.

4. Os trabalhadores e sua contribuição na vida em sociedade

De acordo com Traça (2010, p. 36) “O conto exprime-se utilizando o código da vida social cotidiana: ocupa-se de laços familiares, de relações de parentesco perturbadas, do destino dos indivíduos, da prosperidade local.” Nessa perspectiva, ater-nos-emos em dois pontos: o destino dos indivíduos e a prosperidade local para situarmos os trabalhadores e sua contribuição na vida em sociedade.

Em *História meio ao contrário* destacamos algumas personagens, a saber: A Pastora, a Tecelã, o Ferreiro e o Camponês. Constituem o povo e representam o trabalho, o compromisso com a realidade.

Primeiramente, é válido ressaltar que o rei ordenou que quem liquidasse o monstro que roubou o dia, teria a mão de sua filha em casamento. Sabe-se, no entanto, que o Povo seria atingido. Daí, os trabalhadores uniram-se em prol de discutirem como resolveriam o problema, uma vez que não

poderiam ficar sem a noite e iriam ser prejudicados em suas produções de trabalho. A respeito da luta dos homens pela conquista de seus direitos, citamos

O resgate da história nos faz compreender e reconhecer que os movimentos sociais e a participação popular sempre estiveram presentes nas sociedades em todos os tempos e lugares, sempre houve homens dominando homens, homens lutando – uns pela conquista de direitos e contra a opressão e outros pela manutenção do mando e do poder. (MIRANDA; CASTILHO & CARDOSO. 2009, p. 184).

Podemos depreender que o Povo em *História meio ao contrário* buscou essa conquista, destacando que o que todos sabiam mesmo era trabalhar. A Pastora argumentou que se não existisse a noite para esfriar os montes e trazer a neblina para o vale, os carneirinhos não iam precisar se esquentar e não iam ter tanta lã. Para que se compreenda um pouco mais sobre a atividade pastoril, é pertinente o postulado que ressalta

A importância que a atividade pastoril espanhola alcança, sobretudo depois que passa a abastecer os ateliês de Flandres; as estreitas relações que se firmaram entre os grandes proprietários de merinos integrantes da *Mesta* e os jornaleiros que apascentavam seus extensos rebanhos e, ainda, o grande movimento de circulação dos pastores e sua ampla inserção no território peninsular explicam, em parte, a popularidade e o alcance, no âmbito do imaginário social coletivo, da figura humana deste rústico.

Na verdade, a relativização do estatuto social do pastor, para o caso da Península Ibérica, é fundamental e se constitui em proposição-chave para que se possa efetivamente compreender e mensurar o alcance social desta figura humana amplamente idealizada e vinculada à imagem régia no ambiente das cortes castelhana e espanhola. (PEREIRA, 2010, p. 38).

A citação nos apresenta o quanto é fundamental a figura do pastor e o quanto ela tem alcance social. Na história lida, percebemos que a Pastora tem popularidade principalmente por ser uma moça firme, decidida e principalmente porque não desistia de uma boa ideia por as coisas não estarem dando certo. Vimos que a figura da personagem representa o homem buscando a garantia de seus direitos e uma melhor condição de vida profissional.

Na oportunidade, merece destaque também a tecelã, pois, conforme Franco Júnior (2001, p. 53), “Com presença mais ou menos generalizada, sem dúvida, as duas maiores indústrias medievais foram a da construção e a têxtil.” Com relação à Tecelã da história em pauta, vimos que também se preocupou com a coletividade, haja vista que sem a noite o linho e o algodão não cresceriam e sem eles e sem a lã, como iria tecer os panos que servem para vestir as pessoas?

Nota-se que as personagens citadas tinham a preocupação com a coletividade, com o que iria trazer benefícios para o povo de modo geral.

O Ferreiro da história é uma personagem que representa força, determinação e disposição para o trabalho. Sabemos que esse profissional era extremamente respeitado e admirado por criar ferramentas a partir da forja do metal e ainda que equipava os exércitos com couraças, elmos e outros dispositivos de proteção dos soldados ou de armas como espadas, lanças e flechas em ferro temperado de grande resistência. Seu trabalho também estava ligado às atividades da agricultura, pois, afiava as ferramentas e consertava ou fazia de novo machados, cunhas, enxadas, forquilhas e outros instrumentos necessários aos serviços da lavoura.

Finalmente, já que a história se passa entre o palácio real e a aldeia, não poderíamos esquecer o Camponês, figura muito importante para a sociedade, pois, cuidava do plantio e da colheita dos alimentos para as necessidades do povo. Eles tinham uma vida cheia de limitações e não podiam viver isoladamente, pois, a união deles ajudava-os a atravessar as intempéries da vida. É o que vemos em

Em última instância, a vida material da população, em geral, era muito simples, fosse ela a dos camponeses ou dos ricos, cristãos e judeus. Todos tinham uma vida muito restrita. Dependiam da natureza e, por isso mesmo, dependiam uns dos outros, não podendo viver de maneira isolada. Habitavam aldeias ou pequenas comunidades, pois, os riscos das incursões de outros povos, de ataques de animais e a pobreza eminente e constante impunham relações de dependência mútua. (OLIVEIRA, 2012, p. 120).

Associando a questão de que os camponeses viviam sob as intempéries da natureza, consideravam, como já foi dito, a união como requisito para atravessarem os obstáculos que se lhe apareciam. Na história em apreço, consideremos uma passagem do Camponês em conversa com a Tecelã, segundo Machado (2010, p. 31) “–Você pensa, sua boba, que é fácil acordar um Gigante? Se não formos todos juntos e não gritarmos bem forte e bem alto, não adianta nada”. Para o Camponês, todos teriam que ir ao encontro do Gigante para acordá-lo e pedir ajuda para resolver a situação que fora criada pelo Rei: liquidar o monstro que roubou o dia. Os trabalhadores não poderiam ficar sem a noite, pois, além dela lhe proporcionar o descanso de que todos precisavam, o ciclo dos dias e das noites repercutia de forma positiva nos trabalhos da Pastora, da Tecelã, do Ferreiro e do Camponês.

5. Um novo olhar sobre o gigante, elemento maravilhoso

Em *História meio ao contrário*, Ana Maria Machado propõe a releitura sobre a figura maravilhosa do Gigante que é tratado como um elemento natural e possuidor de poderes mágicos. A propósito, no conto infantil/juvenil, o Gigante adota um comportamento que perpassa pela questão da generosidade, da bondade e do querer ajudar o povo a resolver o problema levantado pelo Rei: acabar com a noite, ficando apenas com o dia. É evidente que a figura de um gigante remete a “estranhamento” por parte das pessoas, pois, sendo ele um ser que possui um tamanho fora dos padrões convencionais e normais de crescimento, a tendência é causar impacto e gerar medo. Mas, interessante é que o Gigante do conto de Ana Maria Machado não remete a medo e sim à colaboração.

Em muitos contos de fadas, a ação é lenta, mas mantém-se um fator vital em alto grau, o que vai acontecer a seguir. Há uma grande ênfase nas qualidades morais do herói ou da heroína. Os bons são valentes, pacientes, gentis, generosos e belos. Os maus são destrutivos, feios, terríveis e a justiça realiza-se de maneira satisfatória. Bruxas e dragões, ogros e gigantes são mortos ou postos em fuga, o príncipe casa com a princesa e vivem juntos e felizes para sempre. (FARIAS & RUBIO, 2012, p. 3).

Como *História meio ao contrário* conduz o leitor ao imaginário que remete ao real, ao que está sendo colocado pela autora, depreende-se que o gigante do conto em análise é uma figura generosa, preocupada com o bem-estar da população. Citamos Machado (2010, p. 33), “-Vamos dar um jeito nisso. Vocês fizeram bem em vir me procurar. Vamos defender o Dragão Negro e seu olho de luar. Do meu corpo de terra tudo vai brotar. No trabalho de vocês, tudo vai continuar”. Como se vê, os elementos previstos para o conto de fadas tradicional são subvertidos. Há uma ruptura com as narrativas tradicionais, conforme dissemos anteriormente. Na citação supra, lemos que os gigantes junto às bruxas, dragões e ogros são mortos, pois, possuem características que os qualificam como maus. No entanto, o Gigante da história assume um papel diferente do que assumem os gigantes de outras histórias.

Nos contos de fadas, o homem sempre necessita de uma ajuda mágica para a resolução de seus problemas. Vemos isso em

Limitado pela materialidade de seu corpo e do mundo em que vive, é natural que o homem tenha desejado sempre uma ajuda mágica. Entre ele e a possível realização de seus sonhos, aspirações, fantasia, imaginação... sempre existiram *mediadores* (fadas, talismãs, varinhas mágicas...) e *opositores* (**gigantes**, bruxas ou bruxos, feiticeiros, seres maléficos...). (COELHO, 2000, p. 173). (Grifo nosso).

Os gigantes, concebidos como opositores, assumem, pois, na história em pauta, a qualidade de mediadores haja vista que auxilia na realização do desejo da população. E aí se coloca claramente a mudança dos papéis obtida pela personagem do gigante no decorrer dos tempos. Percebemos isso em

A figura do Gigante também representa uma ruptura com a tradição, porque nesta, usualmente, gigantes são representantes da maldade, opondo-se aos protagonistas e seus objetivos. Como ocorre em *João e o pé de feijão*, fazem parte dos elementos ou personagens complicadores do enredo, bem diferentemente, portanto, do Gigante de nossa história. (SILVA, 2007, p. 129).

7. Considerações finais

Ao concluir este trabalho, temos convicção de que *História meio ao contrário* é uma obra que instiga o leitor a abrir-se ao novo, a refletir sobre a cultura, o tempo histórico e as transformações pelas quais passou o homem no decorrer dos tempos. Questionamentos acerca dos valores e costumes que eram concebidos como verdades a serem seguidas são realizados e obtém-se como resposta a força do indivíduo como sujeito de sua história. A Princesa, O Príncipe e a Pastora reescreveram suas histórias apresentando a legitimidade de suas ideias, seus conceitos e o mais importante : de suas escolhas.

O livro quebra paradigmas convencionais e pré-estabelecidos pela sociedade , evidenciando o caráter crítico ao imposto. É, verdadeiramente, uma obra que retrata a consciência transformadora da autora que acredita na mudança como forma de enriquecimento. A narrativa é atraente e aborda em seu título a ideia que perpassa toda a obra.

Finalmente, a literatura infantojuvenil institui o modo de ver, de pensar e de estar no mundo, haja vista que ela é elaborada para mostrar o verdadeiro sentido da vida ao público a que é destinada. A sua relevância dá-se mediante a compreensão do homem desde suas fontes indo-europeias até os dias atuais. Particularmente, nesse estudo, o diálogo com a Idade Média e a contemporaneidade possibilitou-nos focar a inversão como possibilidade de releitura de costumes e práticas que eram considerados inalteráveis pela sociedade do período medieval. O tempo possibilita a mudança e em consonância com isso, verificamos o quanto a literatura infantojuvenil contribui significativamente para a compreensão de novos olhares sobre a posição do homem frente a uma sociedade plural e em constantes transformações.

8. Referências bibliográficas

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 1. Ed. São Paulo: Moderna, 2000.

_____. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indoeuropeias ao Brasil contemporâneo**. Barueri, SP: Manole, 2010.

FARIAS, Franci Rennia Aguiar de; RUBIO, Juliana de Alcântara Silveira. **Literatura infantil: A contribuição dos contos de fadas para a construção do imaginário infantil**. Revista Eletrônica Saberes da Educação. v. 3. n.1., p.3, 2012.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade Média: nascimento do ocidente**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Brasiliense, 2001.

MACHADO, Ana Maria. **História meio ao contrário**. 26. ed. São Paulo: Ática, 2010.

MIRANDA, Camila Maximiano; CASTILHO, Neuza Aparecida Novais; CARDOSO, Vanessa Cristina Carvalho. **Movimentos sociais e participação popular: Luta pela conquista dos direitos sociais**. Revista da Católica, Uberlândia, v. 1, n.1, p. 176-185, 2009.

OLIVEIRA, Terezinha. **Considerações sobre o trabalho na Idade Média: intelectuais medievais e Historiografia**. Revista de História, n.166, p. 109-128, São Paulo, jan./jun. 2012.

PEREIRA, Raquel Alvitos. **Das cañadas ao palco. Pastoreio e imaginário político na Baixa Idade Média espanhola. (Séculos XIV- XVI)**. Tese de Doutorado. Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2010.

RAMOS, Ivana Pinto. **Invenção e reinvenção em Ana Maria Machado: Do real ao maravilhoso**. Anais do SILEL. v. 3, n. 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.

SILVA, Paulo Alex Souza Melo da. **Um olhar sobre História meio ao contrário**. Revista Língua & Literatura. v.10, n.14, p.129-142, jul/2007.

TRAÇA, Maria Emília. **O fio da memória: Do conto popular ao conto para crianças**. 2ª edição. Porto: Porto Editora, 1998.

TREVISAN, Mariana Bonat. **Construção de identidades de gênero e afirmação régia: os casais da realeza portuguesa entre os séculos XIV e XV a partir das crônicas de Fernão Lopes**. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2012.